

13/4/92 16A
89

“ EM OITO ANOS, AS FLORESTAS DAS PEQUENAS PROPRIEDADES DO SUL DO PARÁ TERÃO DESAPARECIDO ”

(De Carlos Ferreira de Abreu Castro, consultor da ONU no Brasil e mestre em engenharia florestal)

Amazônia: risco de fogo era previsto

ESTUDO DO IPAM, APRESENTADO NO INÍCIO DO ANO PARA O GOVERNO, ALERTA PARA O PERIGO DE QUEIMADAS SE TRANSFORMAREM EM INCÊNDIOS ACIDENTAIS

Edson Luiz/AE

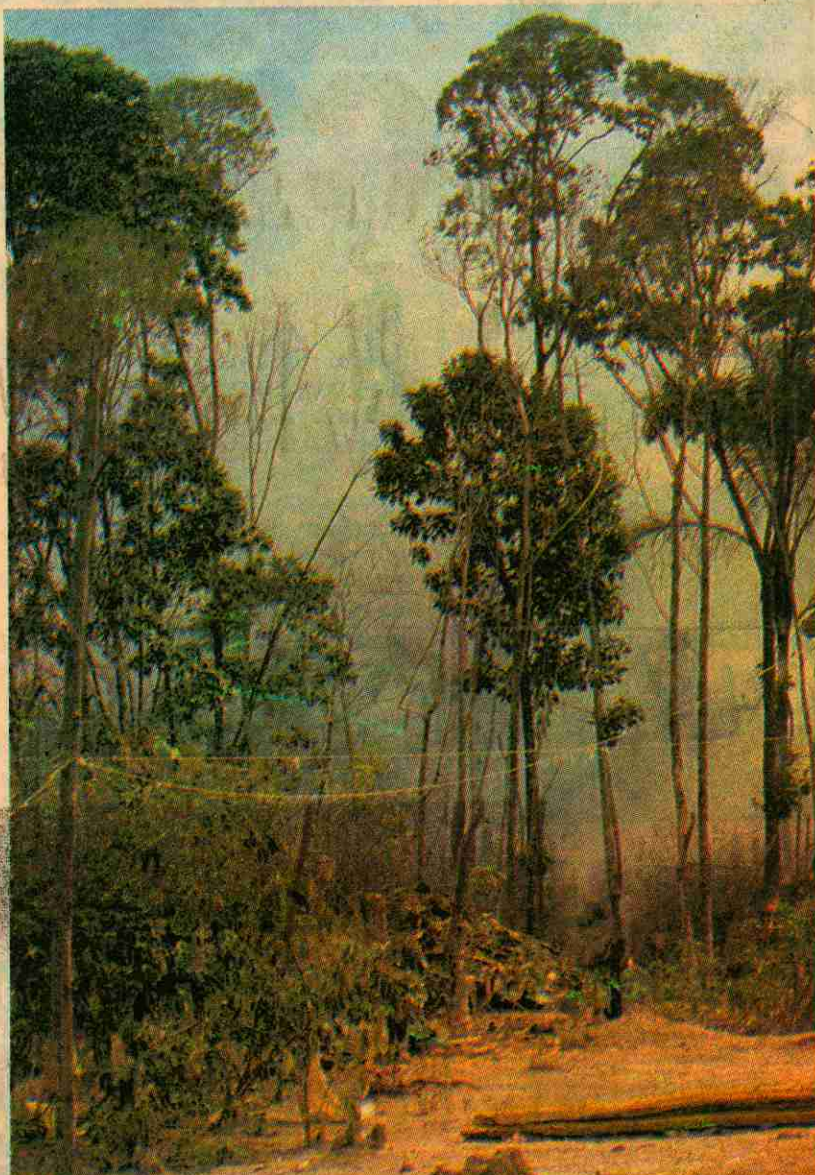
Nos últimos dois anos, na região conhecida como “arco do desmatamento” – que vai do Pará ao Acre – cerca de 90% das 287 propriedades visitadas por um grupo de pesquisadores do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam) tiveram áreas queimadas acidentalmente. O estudo desses pesquisadores, concluído no ano passado, foi apresentado no início deste ano ao governo, para alertar sobre o risco de as queimadas ocasionais se transformarem em perigosos incêndios acidentais.



O “arco do desmatamento” compreende o nordeste do Pará, sudoeste do Maranhão, norte de Mato Grosso, indo até o oeste de Rondônia e Acre, onde estão três quartos da área de floresta primária desmatada na Amazônia. É justamente essa região, onde as chuvas são irregulares, que preocupa o governo neste momento e levou à criação de uma força dedicada a prevenir desastres na área. “Teremos um déficit de chuvas muito grande este ano”, observa o presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), Eduardo Martins.

O estudo feito pelo Ipam foi apresentado ao governo no início deste ano durante uma audiência da Comissão de Assuntos Sociais do Senado, em que se discutia desmatamento na Amazônia. O fogo em Roraima ainda não havia começado, mas a pesquisa feita pelo instituto – uma organização não-governamental ligada à Universidade Federal do Pará – já alertava para a situação no “arco do desmatamento”, onde as áreas queimadas acidentalmente eram superiores ao fogo colocado intencionalmente para limpar e reformar pastos.

Entre 1994 e 1995, no Estado do Pa-



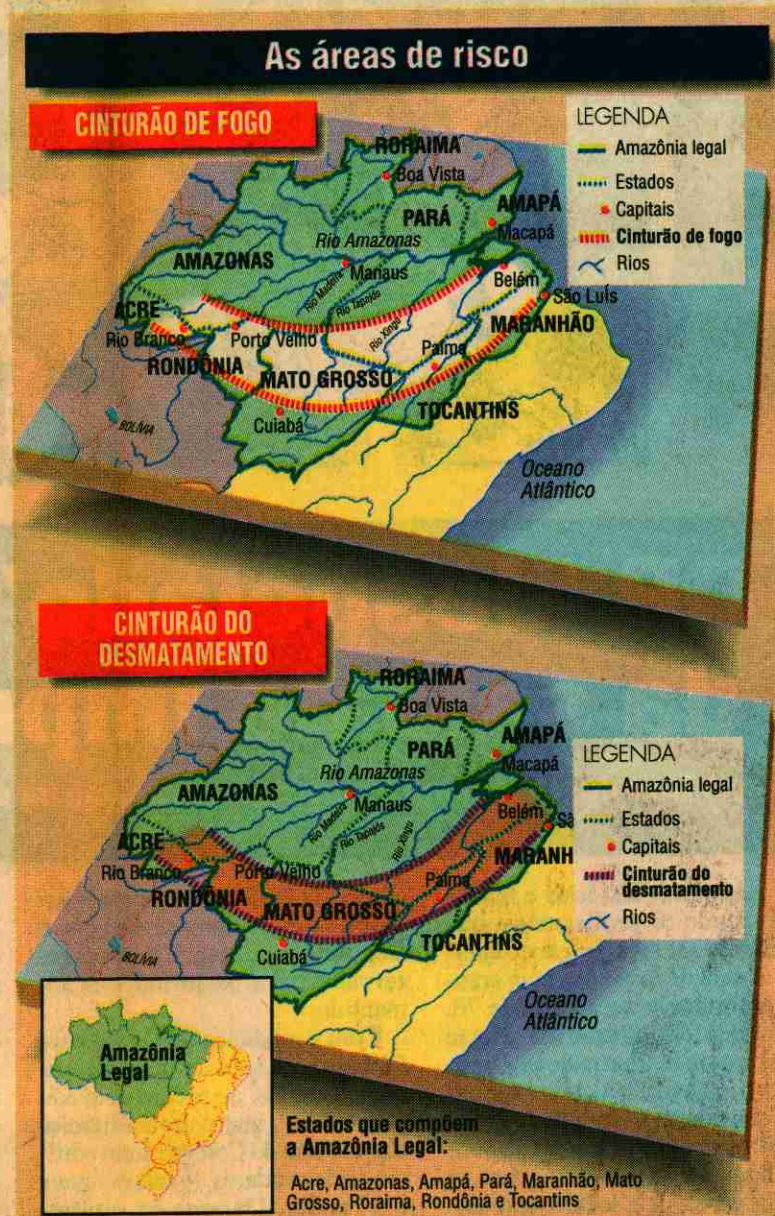
Arquivo/AE

Ameaça: queimadas podem se transformar em incêndios acidentais

rá, 59% do fogo em propriedades foi acidental. A situação é semelhante no Mato Grosso, onde o fogo acidental atingiu 52% das propriedades. Nos Estados de Rondônia e Acre, os índices de queimadas provocadas foram maiores que os de incêndios acidentais, mas houve uma aceleração nos desmatamentos. Foi no Acre que o Ipam encontrou mais áreas queima-

das, cerca de 23% das 55 propriedades pesquisadas.

“Em menos de oito anos, as florestas ainda existentes nas pequenas propriedades do Sul do Pará, por exemplo, terão desaparecido”, alerta Carlos Ferreira de Abreu Castro, consultor da Organização das Nações Unidas (ONU) no Brasil e mestre em engenharia florestal. Segundo ele, o



mesmo acontecerá, em cerca de 12 anos, às florestas pertencentes aos médios proprietários, ao passo que os grandes não terão nenhum hectare de floresta em 2.011.

A preocupação do governo com o “arco do desmatamento” é recente e o incêndio que aconteceu em Roraima era imprevisível. Mas, há 13 anos, dois pesquisadores americanos já ha-

viam alertado para o perigo, nos moldes do incêndio ocorrido em Kalimantan, na Indonésia, em 1983. Em dois anos, o fogo consumiu 3,7 milhões de hectares de floresta, deixando muitas mortes e um prejuízo ambiental incalculável. “Eles afirmavam que, se continuássemos com o padrão de exploração vigente na época, criaríamos um, dois, mil Kalimantans.”